
A PERSPECTIVA RELACIONAL EM PIERRE BOURDIEU
THE RELATIONAL PERSPECTIVE IN PIERRE BOURDIEU

Luiz Eduardo de Souza Pinto¹
Jorge Alexandre Barbosa²

Resumo

Pierre Bourdieu é um dos mais influentes cientistas sociais de todos os tempos, sua produção é uma rigorosa conjugação entre o empírico e a teoria. O método de Bourdieu, ancorado em um senso prático, se presta à análise dos mecanismos que envolvem as relações de poder, a produção de idéias e a gênese das condutas. A praxiologia bourdieusiana não é um simples instrumento para desvelar a realidade social constituída pela ação dos agentes e na qual esses constituem uma fração nas disputas que ocorrem nos diversos campos estruturados na sociedade, é um arranjo e ao mesmo tempo uma ampliação do horizonte de diversas escolas de pensamento (interacionismo simbólico, estruturalismo, funcionalismo, marxismo, fenomenologia, etnometodologia e a epistemologia racionalista neokantiana) em um empreendimento que visa demonstrar a relação entre a ação individual e a estrutura social. A produção de Bourdieu é eminentemente relacional e o autor promove o esforço de combinar uma síntese teórica dentro de um quadro analítico integrado através de um engajamento por meio da pesquisa empírica. Para a compreensão do dinamismo da vida social contemporânea a construção relacional dos estudos de Bourdieu se revela imprescindível. O autor provoca uma ruptura epistemológica através da análise relacional considerando de forma concomitante que as estruturas sociais são historicamente reproduzidas por meio das condutas individuais, como um círculo de interações onde agência e estrutura mutuamente se constroem e reconstroem. Leva-se em consideração também que a teoria da prática de Bourdieu é indissociável da prática da teoria, no modelo praxiológico bourdieusiano se articulam dialeticamente o agente e a estrutura social, ou seja, é um arquétipo centrado na mediação entre a agência e a estrutura.

Palavras-chave: Bourdieu; praxiologia; ação e estrutura.

Abstract

Pierre Bourdieu is one of the most influential social scientists of all time, his production is a rigorous combination of the empirical and the theory. Bourdieu's method, anchored in a practical sense, lends itself to the analysis of the mechanisms that involve power relations, the production of ideas and the genesis of conducts. Bourdieusian praxiology is not a simple instrument to unveil the social reality constituted by the action of agents and in which they constitute a fraction in the disputes that occur in the diverse structured fields in society, it is an arrangement and at the same time an expansion of the horizon of several schools of thought (symbolic interactionism, structuralism, functionalism, Marxism, phenomenology, ethnomethodology and the neo-Kantian rationalist epistemology) in an enterprise that aims to demonstrate the relationship between individual action and social structure. Bourdieu's production is eminently

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); especialista em Filosofia pela Unimontes; e-mail: eduardounimontes@hotmail.com

² Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; e-mail: jorgeaneves@gmail.com

relational and the author promotes the effort to combine a theoretical synthesis within an integrated analytical framework through engagement through empirical research. In order to understand the dynamism of contemporary social life, the relational construction of Bourdieu's studies proves to be essential. The author causes an epistemological rupture through relational analysis, concomitantly considering that social structures are historically reproduced through individual behaviors, as a circle of interactions where agency and structure are mutually constructed and reconstructed. It is also taken into account that Bourdieu's Theory of Practice is inseparable from the practice of theory, in the Bourdieusian praxiological model the agent and the social structure are dialectically articulated, that is, it is an archetype centered on the mediation between the agency and the structure.

Keywords: Bourdieu; praxiology; action and structure

O pensador francês Pierre Bourdieu é um dos mais influentes cientistas sociais de todos os tempos, por sua produção, uma rigorosa conjugação entre o empírico e a teoria, gravita em uma dimensão de reconhecimento acadêmico próxima de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, autores considerados clássicos. A produção bourdieusiana cobre uma significativa profusão de fenômenos e temáticas como religião, política, poder, trabalho, economia, estado, gênero, direito e educação. Os aparatos teóricos elaborado por Bourdieu são elementos centrais para estudos em diversas vertentes científicas, seus esquemas analíticos como habitus, capital, campo, dominação, servem de referência para múltiplas análises sociais.

A trajetória pessoal desse autor é um amálgama com sua criação, pensar princípios em simbiose com práticas é fundamental para a compreensão das categorias analíticas de Bourdieu. Nascimento em 1930, em uma província rural no sudoeste francês, originário de um meio social majoritariamente camponês, produziu uma trajetória que Peters (2018) denomina de *miraculé*, locução utilizada para designar indivíduos cuja gênese é popular, mas que em decorrência do processo educacional sofrem acentuada mobilidade social. A trajetória miraculosa ocorreu devido ao percurso que “o transportou de um meio sociorregional dominado e desprestigiado no país ao topo do sistema acadêmico francês” (Peters, 2018, p. 188), da vila de Béarn no interior da França a uma cátedra no Collège de France, em Paris, Bourdieu se valeu de sua passagem por universos dispares para erigir seu arcabouço intelectual e arquitetar análises sociais acerca das estruturas de perpetuação dos mecanismos de dominação e de manutenção do poder, mantidos por relações arbitrárias que preservam desigualdades socialmente construídas, mas naturalizadas. O elemento central que atravessa a obra de Bourdieu é o desmascaramento da dominação (Burawoy, 2010, p.26), percebido através do diagnóstico da violência simbólica que se constitui na imposição de um poder arbitrário como legítimo (Bourdieu, 2011).

A experiência de exercer o serviço militar obrigatório na Argélia, até então sobre o domínio colonial da França, onde observou a exposição da violência entre seus compatriotas e os rebeldes anticoloniais da Frente de Libertação Nacional (FLN), foi marcante na trajetória de Bourdieu que se viu na obrigação cívica de elaborar “para um público francês pouco informado um relato tão fidedigno quanto possível da situação social, econômica e política da Argélia” (Peters, 2018, p. 190). Ao imergir na ação de retratar a organização das estruturas que compõem a vida social na Argélia o sociólogo francês concebeu a sua teoria da prática. Os estudos elaborados por de Bourdieu são um choque de realidade, estruturado a partir de observações etnográficas, entrevistas em profundidade, análises estatísticas, esse autor visa o desvelamento da articulação do social. “Bourdieu concebia uma Ciência Social unificada como um ‘serviço público’ cuja missão é ‘desnaturalizar’ e ‘desfatalizar’ o mundo social e ‘requerer condutas’ por meio da descoberta das causas objetivas e das razões subjetivas que fazem as pessoas fazerem o que fazem” (Wacquant, 2002. p.100).

O método de Bourdieu ancorado em um senso prático se presta à análise dos mecanismos que envolvem as relações de poder, a produção de idéias e a gênese das condutas (Thiry-Cherques, 2006). A praxiologia bourdieusiana não é um simples instrumento para desvelar a realidade social constituída pela ação dos agentes e na qual esses constituem uma fração nas disputas que ocorrem nos diversos campos estruturados na sociedade, é um arranjo e ao mesmo tempo uma ampliação do horizonte de diversas escolas de pensamento (interacionismo simbólico, estruturalismo, funcionalismo, marxismo, fenomenologia, etnometodologia e a epistemologia racionalista neokantiana) em um empreendimento que visa demonstrar a relação entre a ação individual e a estrutura social. A produção de Bourdieu é eminentemente relacional e o autor promove o esforço de combinar uma síntese teórica dentro de um quadro analítico integrado através de um engajamento por meio da pesquisa empírica. Ao considerar a relação entre ação e estrutura se pode dizer que a perspectiva de Bourdieu é explicada não apenas a partir da concepção dos agentes, mas por via das estruturas que em alguns casos escapam às consciências individuais (Vandenberghe, 1999), pois “é a estrutura das relações que constituem o campo que comanda a forma assumida pelas relações de interação” (Bourdieu, 1982, p. 42).

A produção científica de Bourdieu sofre influência dos autores clássicos da sociologia Marx, Durkheim e Weber; do racionalismo de Bachelard; da epistemologia relacional de Cassier; da fenomenologia de Merleau-Ponty e de Heidegger; do estruturalismo de Lévi-Strauss, de Mauss e de Saussure. De Marx e Weber herda a concepção sobre o conflito, concebendo a sociedade como uma

arena de relações e forças em competição. A sociologia de Weber possibilitou a Bourdieu o entendimento de que frente a demanda há concorrência pelos escassos recursos materiais, assim como também os bens simbólicos são alvo de disputas o que cria nos diversos campos da vida social uma dimensão de constantes competições. Do Marxismo, Bourdieu se vale das perspectivas da luta pela dominação e da consciência de classe e a noção de capital presente em Marx é ampliada pelo sociólogo francês que considera outros tipos de posses (como o conhecimento ou as relações interpessoais) capazes de exercer meios eficientes no exercício de poder, nessa condição os meios econômicos (capital econômico) coexistem com outras formas de capital e não sendo esses os únicos recursos com potência de produzir e reproduzir distinção social e privilégios. O capital cultural é um bem eficaz na promoção de um princípio de diferenciação quase tão eficiente quanto o produzido pelos recursos econômicos, esse capital é obtido pelo acesso à instrução formal na sua forma institucionalizada, mas também por meio do contato com grupos sociais ou agentes dotados de volume de estoque de capital cultural, e tem papel decisivo nos processos de estratificação social. Outras configurações do capital como o social que se constitui como um “agregado dos recursos eletivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo” (Bourdieu, 1985, p.248), ou seja, um tipo de capital formado a partir das teias de relações que podem ser revertidas em vantagens e benefícios e, dessa forma, capitalizados. Por fim o capital simbólico que está vinculado a honra e ao prestígio. Cada um dos campos da sociedade é um espaço multidimensional onde agentes ou grupos estão distribuídos de acordo com o volume de capital (econômico, cultural, social e simbólico) que são possuidores. Campo e capital são centrais nas concepções de Bourdieu e são elementos vitais para a compreensão das relações de poder e dominação.

De Bachelard (1984) vem a concepção de Bourdieu de que a realidade supera as limitações teóricas presentes nas composições conceituais, da fenomenologia o sociólogo rejeita o descritivismo, mas considera o rompimento dessa corrente filosófica com o senso comum, com a doutrinação, com a superação das noções pré-concebidas, segue a ideia de se deve abandonar a “atitude natural” e assumir uma “atitude fenomenológica”, que entende o objeto como um todo, parte de um construtivismo fenomenológico, que considera a interação entre os agentes e as instituições, que atuam em uma estrutura historicizada que se impõe sobre os pensamentos e as ações dos indivíduos. Bourdieu rechaça o posicionamento de que o social é unicamente produto das ações individuais e que a lógica das atividades humanas deve ser observada apenas na racionalidade dos agentes, concebe que a formação das idéias, o agir e os pensamentos dos agentes se dão sob

constrangimentos estruturais, para isso utiliza diversas correntes para se colocar além dos modelos existentes e para desviar-se da rigidez de qualquer modelo explicativo da sociedade (Thiry-Cherques, 2006).

Bourdieu combinou elementos teóricos de Weber e Marx com o kantianismo sociológico forjado por Lévi-Strauss, esse termo se refere a ideia de que há um elo entre as estruturas sociais e as estruturas mentais e ao aglutinar elementos da teoria de Marx, Durkheim, Weber e Mauss, a produção de Bourdieu traça uma relação de cumplicidade ontológica entre estruturas objetivas e subjetivas, que legitima as relações de desigualdade e dominação. O pressuposto é de que os indivíduos experienciam o universo social por meio de esquemas de percepção provenientes de seus processos de socialização, dessa forma procedimentos de dominação cujos arranjos são historicamente e socialmente erigidos são tidos por naturais e inexoráveis. Essa é a condição para a emergência da violência simbólica, que é imperceptível ao senso comum. Por isso para Bourdieu um trabalho intelectual tem a atribuição de captar as relações que não são diretamente observáveis, cabe dessa maneira desvelar as causas escamoteadas que afetam o curso de ação dos agentes, bem como as estão impregnadas nas macroestruturas. (Peters, 2018).

Para a compreensão do dinamismo da vida social contemporânea a construção relacional dos estudos de Bourdieu se revela imprescindível. “O relacionismo metodológico defendido por esse autor entra em choque com o substancialismo de abordagens que tomam como reais apenas as entidades e processos possíveis de observação direta” (Peters, 2018, p.198), essa ruptura epistemológica provocada pela configuração da análise relacional é que gera a possibilidade de enxergar de forma mais apurada além do senso comum. Como observa Peters (2018), Bourdieu corrobora com Marx e Durkheim a perspectiva de que estruturas e processos societários possuem dimensões que transcendem a consciência e percepção dos agentes individuais, essas estruturas e processos, contudo, são decisivos para definir o modo de agir e pensar dos agentes. E deve-se levar em consideração que o ser social é historicamente condicionado, de forma concomitante as estruturas sociais são historicamente reproduzidas por meio das condutas individuais, é como um círculo de interações onde agência e estrutura mutuamente se constroem e reconstroem.

As dimensões relacionais, práticas e históricas dos processos societários são observadas por Bourdieu em seus trabalhos. A realidade é dinâmica, a história é composta por uma sucessão de fatos que são construídos a partir dos agentes em movimento, as ações desses agentes não são determinadas de modo puramente mecânico, embora possam ser inconscientes, são impulsionadas por interesses. No universo social não é possível detectar atos desinteressados, as vontades e os

interesses movem os agentes que estão imersos em campos de disputas. Esses campos são uma arena onde há permanente competição, local em que os agentes, de alguma forma, estão em um jogo de interesses, condição que Bourdieu define como *illusio*. “A *illusio* é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar” (Bourdieu, 2008, p. 139).

Essa condição de estar fincado ao jogo ocorre porque mesmo entre os agentes com posições opostas há um acordo tácito de que vale a pena se empenhar em prol dos elementos que são cobijados no campo. Os agentes são movidos continuamente por interesses que estão em jogo. Ressalta-se uma questão necessária, há uma distinção entre interesse e indiferença. Os interessados assim o são devido ao fato de que têm internalizado o sentido do jogo, ou seja, assimilaram em suas mentes e em seus corpos que o jogo merece ser jogado, sabem assim reconhecer os processos de disputas e os alvos a serem atingidos, dessa forma os jogadores fazem seus investimentos. Essa é uma condição nitidamente relacional, pois, é capacidade de leitura do campo macroestrutural que induz a ação do agente. Pode-se ser indiferente por não ser capaz de realizar tais leituras sobre o sentido do jogo devido ao fato de não se perceber em meio a um processo de disputas, não tendo os princípios de visão sobre o que se está em disputa não se percebe como um jogador, para sê-lo teria que perceber as estruturas presentes no jogo, pois se não as conhece, jogar pode não tem qualquer sentido, contudo, o indiferente não escapa às consequências das ações ocorridas no campo em que está envolvido. No entanto, para Bourdieu (2008), pode-se estar interessado em um jogo (no sentido de não lhe ser indiferente), mas não tendo interesse nele.

Um das atribuições das áreas do conhecimento que estudam a sociedade é detectar que há uma razão prática para o comportamento e o agir dos agentes. De acordo com Bourdieu (2008) por trás de qualquer ato que se mostre desinteressado, existe uma dimensão oculta, disfarçada, que é geralmente sutil. No entanto, a visão utilitarista não é capaz de explicar isoladamente o curso da ação dos agentes. Bourdieu rechaça a ideia de que esses agentes são motivados simplesmente por ações conscientes que objetivam continuamente maximizar os ganhos e minimizar as perdas, refuta também a perspectiva que os agentes são reduzidos ao interesse puramente econômico e que almejam de maneira incessante o lucro material, buscado, de forma consciente, através do cálculo racional. Mas, se as atuações não são desinteressadas e de forma simultânea não são impulsionadas puramente pelos cálculos racionais e ou pelas vantagens econômicas, como Bourdieu explica a razão do agir humano? Para Bourdieu, os agentes que assimilam o sentido do jogo incorporam uma cadeia de esquemas práticos de percepção que lhes fornece indicativos sobre como funciona a

realidade e diante dessa condição não têm a necessidade de constantemente colocar fins nas suas ações. Esses agentes estão envolvidos no imediato da prática, estão inscritos no jogo, suas condutas não são permanentemente pensadas com um projeto, o jogador simplesmente joga porque nele estão internalizados os arranjos que são socialmente construídos, estão absorvidas as estruturas que são estruturantes estruturadas que foram instrospectadas e que são capazes de fornecer uma orientação para as atitudes e procedimentos, o que gera uma disposição de agir no mundo e esse agir não é gratuito.

Desta forma um agente que está inserido em um grupo social incorpora não apenas os valores do grupo ao qual pertence, mas também padrões de comportamentos, condutas, maneiras, modos, procedimentos e costumes e o que provoca uma idiosincrasia. Os esquemas mentais e corporais são lento e permanentemente moldados até conferir uma forma ao agente e uma vez absorvidas as dimensões do grupo passam a gerar esquemas para a prática da ação. Quando o agente age é, de certa forma, um agir coletivo por meio do indivíduo. Bourdieu sustenta que a maior contribuição da microsociologia como a etnometodologia e a fenomenologia é a de demonstrar que o agir humano se torna exequível graças a competências cognitivas e práticas partilhadas pelos integrantes da sociedade. Os saberes coletivamente compartilhados se tornam referências e ferramentas de ação para condutas e comportamentos no mundo social, ou seja, os saberes adquiridos pelos agentes são instrumentos para condução na sociedade e a maior parcela do estoque de conhecimento não apresenta um caráter consciente, opera de maneira tácita e não reflexiva (Peters, 2018).

Os saberes práticos que afetam o comportamento dos agentes no mundo social impactam inclusive o que Mauss (1974) denominou de técnicas corporais. Essa concepção é uma ruptura com a interpretação puramente biológica do corpo, considerando que o conjunto de falas, gestos, posturas, movimentos, são modos socialmente aprendidos e reproduzidos, dessa maneira, pode-se considerar que as atitudes corporais são moldadas e transmitidas por cada sociedade. Técnicas corporais relacionam-se aos modos pelos quais os agentes utilizam seus corpos e “mesmo se existem variações de um indivíduo para outro, é antes de mais a razão prática coletiva que orienta os comportamentos e molda os gestos” (Rosa, 2019, p.341). Mauss se vale da noção de *hexis* corporal que diz respeito à motricidade, a práticas contidas em códigos de conduta, aos esquemas corporais, que são aprendidas através das relações sociais, sendo, portanto, simultaneamente singular e sistemática. Ao projetar os condicionantes sociais sobre os atos corporais, Mauss sustenta que é o corpo é também um elemento social. O corpo é capaz de transmitir mensagens, também

utilizado em cerimônias e ritos, é a expressão de uma sociedade, de seus valores, de suas crenças, de seus hábitos e costumes, sendo moldado pelo universo social que o cerca. No corpo se desenvolvem significações e interações simbólicas, que o configuram como eixo de relação entre o indivíduo e a sociedade; "antes de qualquer coisa a existência é corporal" (Le Breton, 2017, p. 07). Bourdieu (2012), por sua vez, aponta que o corpo é o elemento biológico mais socialmente modelado, e, nesse sentido, deve-se ressaltá-lo como uma instância na qual as desigualdades entre os sexos se apresentam e se materializam na forma de dominação masculina, sendo esta naturalizada. Afirma o autor que os princípios da visão androcêntrica são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo, e que esta perspectiva é percebida como uma expressão normal de tendências naturais. Essa dominação se manifesta, a partir de uma perspectiva simbólica, sob uma forma particular de violência, por meio da qual se impõem significações que são difundidas como legítimas, de forma a dissimular as relações de força entre o masculino e o feminino. A dominação masculina seria imposta, naturalmente aceita e vivenciada, enquanto a submissão feminina seria invisível e as próprias vítimas legitimariam tal condição. A perspectiva androcêntrica seria, assim, intrínseca à violência simbólica que as instituições acabam por legitimar (Lopes, Meyer & Waldon, 1996).

As categorias analíticas de Bourdieu como dominação, campo, habitus, capital, espaço social, além de seu trabalho sobre a gênese e a estrutura do campo religioso são substanciais para fundamentar a produção de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, a perspectiva relacional desse autor, que permite transcender as dicotomias objetivismo/subjetivismo, agência/estrutura. Na dimensão teórica e metodológica colabora para transpor a separação entre sujeito e o sistema que o envolve, sendo fundamental para se captar os mecanismos de funcionamento da vida social que é composta pelos resultados das interações entre os agentes e com as estruturas, o que envolve o indivíduo, seu corpo, seus valores, suas crenças, suas ideologias, e ao mesmo tempo as instituições, a comunidade e os determinantes macrossociais.

A concepção relacional de Bourdieu “no seu sentido mais amplo, investiga a vida social através do estudo das relações sociais” (Powell e Dépelteau, 2013, p. 1), relações essas que ocorrem intermediadas por práticas sociais que são produtoras de sentido no mundo, por isso, “os objetos parecem determinar nossa conduta, mas, primeiramente, nossa prática determina esses objetos” (Veyne, 1982, p. 159). A perspectiva de que as práticas sociais são o resultado da conexão entre circunstâncias objetivas e disposições subjetivas é que torna possível definir a teoria de Bourdieu como praxiológica. (Peters, 2018). Deve-se levar em consideração também que a Teoria da Prática

de Bourdieu é indissociável da prática da teoria, sendo que “a teoria sem pesquisa empírica é vazia (...) a pesquisa empírica sem teoria é cega” (Bourdieu & Wacquant, 1992, p.162). E outro fator, tanto os objetos, quanto os indivíduos, a sociedade e as práticas sociais, estão situados em um tempo histórico, dessa maneira as práticas também são datadas, “o que significa dizer que indivíduos e sociedades são objetos históricos e, portanto, múltiplos, uma vez que dependem das múltiplas práticas e relações que podem ser estabelecidas em cada época, cultura, país, cidade, família” (Escóssia; Kastrup, 2005)³.

AÇÃO E ESTRUTURA

A partir da segunda metade da década de 1950 intensificaram-se no âmbito das teorias dos estudos sobre a sociedade as tentativas de sintetizar as diversas perspectivas analíticas acerca da vida social, na década de 1970 os movimentos que objetivavam suplantam a fragmentação teórica se reforçaram (Domingues, 2001), “nesse período o estruturalismo institucionalizou um 'megaparadigma' transdisciplinar, contribuindo para integrar as chamadas 'humanidades' e as ciências sociais”, (Andrade, 2006, p.98), a linguagem na vida cultural era o elemento central dessa integração. Após o contato com o estruturalismo linguístico o antropólogo estruturalista, Claude Lévi-Strauss, concebe ser possível alcançar a estrutura inconsciente através do método estrutural e indica que as ciências sociais são capazes de formular relações entre a estrutura e o signo.

O influxo do estruturalismo em Bourdieu vem da produção intelectual de Lévi-Strauss, porém, o sociólogo aponta outro caminho, segue a tradição do antropólogo ao considerar as estruturas objetivas independente da consciência dos agentes, contudo, se distingue ao considerar que as estruturas devem ser analisadas a partir da prática, considera que as disposições socialmente construídas têm o poder de orientar para ação, em sua obra *Le sens pratique* demonstra que o agente está inserido na estrutura, mas ao mesmo tempo é força estruturante de um campo, portanto, adota uma perspectiva dinâmica e relacional. Em Bourdieu a estrutura é fruto de relações históricas, é produto e produtora de ações, por isso é condicionada e ao mesmo tempo condicionante, daí o fato da teoria bourdieusiana evidenciar a mediação entre o agente e a sociedade. Em Lévi-Strauss a estrutura é a-histórica e não relacional e não considera o agente. O estruturalismo de Bourdieu é alicerçado no desvelamento da articulação do social, na observação da prática e o que método que

³ Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000200017>

utiliza considera os mecanismos de dominação, a origem das condutas e a produção de ideias, ou seja, é sustentado em uma noção de estruturas históricas, contextuais e geradoras.

Para Bourdieu as estruturas são históricas e independem da consciência dos indivíduos, contudo, elas possuem a capacidade de influenciar no curso da ação dos agentes, de influir na percepção dos indivíduos e dos grupos, na maneira de pensar e agir de um agente, dessa forma, a vida social é constituída por estruturas objetivas que são independentes da consciência e vontade dos agentes, mas essas estruturas tendem a orientar as suas representações, suas ideias e suas práticas. O que não significa que os agentes sejam passivos diante das estruturas.

“Bourdieu falava então em agentes e não em sujeitos, nos quais a ação não é simplesmente a execução e obediência a regras. Aos poucos ele percebia que os indivíduos, tanto nas sociedades arcaicas, como nas complexas, não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam” (Andrade, 2006, p.101)

Embora a forma de agir e de pensar dos agentes não sejam mecânicas, são constituídas e organizadas a partir das perspectivas do campo em que se inserem, “é no interior de um estado determinado do campo, definido por certo estado do espaço de possíveis, em função da posição mais ou menos singular que ele ocupa” (Bourdieu, 2008, p. 72) que o agente pratica a sua ação. O agir está disposto em uma estrutura estruturada que dita e determina convenções, prescrições e códigos que são internalizados e aceitos. Assim é possível considerar que as estruturas exercem um influxo nos procedimentos dos agentes, sendo essa influência independente de suas consciências, mas há certa autonomia para a ação desde que se respeitem os limites aceitos e impostos pela estrutura. O agente não é um ser robotizado, sem desejos, sem intenções, mas também está inserido em um contexto que é determinante para provocar os desejos e as intenções. Chegar a esse raciocínio só é possível por meio do panorama relacional, que considera o nexo entre ação e estrutura tomando-os não dois pólos distintos, mas complementares.

Aqui se chega a um ponto crucial, na perspectiva de Bourdieu como as estruturas se renovam e se reproduzem? A resposta é uma construção dialética já apresentada. No modelo praxiológico bourdieusiano se articulam dialeticamente o agente e a estrutura social, ou seja, é um arquétipo centrado na mediação entre a agência e a estrutura, embora considere que o mundo social é constituído por estruturas independentes da consciência e vontade dos agentes, aponta que a vida social é pautada nas relações dialéticas entre as estruturas e as disposições estruturadas as quais os agentes constantemente atualizam e reproduzem, sendo um processo duplo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade (Setton, 2002), considerando a junção e a

dinâmica dos aspectos objetivos (da estrutura) e subjetivos (dos agentes) em Bourdieu o que se pode considerar é a construção de uma teoria da ação.

Uma das reflexões centrais da teoria da ação de Bourdieu se baseia no conceito de *habitus*, conforme o sociólogo “o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em conjunto unívoco de escolhas, de bens, de práticas.” (Bourdieu, 2008, p.21-22). O *habitus* é o elemento gerador de práticas e tem como ponto de partida a relação entre o agente e a estrutura, ou seja, pode-se afirmar que o agente e a estrutura se encontram em uma relação que é dialética entre a interioridade e a exterioridade, entre o subjetivo e o objetivo. Em um caminho científico o *habitus* fornece subsídios explicativos sobre como agentes inseridos em uma estrutura são moldados sem que se dêem conta dessa condição. Bourdieu oferece as condições para transitar além do senso comum, através da perspectiva do *habitus*, arquiteta a seu pensamento reflexivo e crítico que agrega condições de uma compreensão inovadora sobre as condições sociais. (Souza, 2004).

Outro elemento central para se compreender a estrada epistemológica de Bourdieu é a teoria sobre campo. Na construção bourdieusiana o campo é marcado pelas formas de capital já mencionadas (econômico, cultural, social e simbólico), os processos em cada campo são estabelecidos pelo enfrentamento entre os agentes que objetivam manter ou alterar as relações de força em seu interior, as distribuição das formas de capital são decisivas para designar os espaços e o posicionamento dos agentes no campo, o que determina as condutas individuais e coletivas são as posições na estrutura de relações. Em um procedimento dialético o *habitus* determina as disposições do agente e o conjunto de disposições determina o *habitus*, em uma dinâmica relacional. Pode-se afirmar que os agentes que nele estão inseridos são disponibilizados de acordo o volume de capital de que são possuidores.

CAMPO E ESPAÇO SOCIAL

Em sua teoria de campo, Bourdieu propõe um modelo geral que possa se enquadrar em diferentes sociedades ou estruturas, contudo, observa que o cosmo social é constituído por conjuntos de microcosmos relativamente autônomos. Esses microcosmos por sua vez são espaços de relações regidas por uma lógica irreduzível àquelas que regem os outros campos, isso significa que os vários campos como o cultural, o religioso, o econômico, o político, obedecem fundamentos diferenciados, mas que ainda assim correspondem a uma logicidade que são próprias aos campos.

Essa teoria nos permite conceber o mundo social constituído a partir de subsistemas que são adotados de certa autonomia em suas práticas, contudo, essa autonomia não se configura um isolamento, o campo se relaciona com outros campos sobre os quais exerce influência e é influenciado (Leander, 2008). Bourdieu projetou suas ideias sobre o campo a partir de combinações teóricas de diversos autores, particularmente Marx, Durkheim e Weber (Lahire, 2017, p.64), de Marx se serviu do materialismo e da dominação nas relações de força, de Durkheim as formas simbólicas e a metodologia holística e de Weber a dimensão dos princípios estruturantes de poder (Wacquant, 2002). O termo campo foi utilizado pela primeira vez no artigo *Champ Intellectuel et Projet Créateur* (1966), e se tornou um dos elementos centrais das análises bourdieusianas.

“Em termos analíticos, um campo deve ser definido como um network, ou uma configuração, de relações objetivas entre posições. Tais posições são definidas objetivamente, na sua existência e na determinação que impõe sobre quem as ocupa, agentes ou instituições, a partir de suas espécies atuais de poder (ou capital) cuja posse comanda o acesso aos ganhos específicos que estão em jogo no campo, bem como a partir de suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.)” (Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 97).

De acordo com Bourdieu (2008), o campo social é um espaço estruturado em que os agentes ocupam posições distintas em relação uns aos outros, por isso nele há variadas posições sociais, os eixos estruturantes é que configuram e definem o espaço de posições que são organizadas de forma relacional, as posições sociais de cada agente são demarcadas de acordo com o conjunto de suas relações. Um campo é um sistema ou um espaço estruturado de posições que são ocupadas por diferentes agentes, é um espaço de disputa entre as forças, um local de batalhas onde os agentes disputam espaços com vistas a atingir seus objetivos, para isso adotam estratégias que são antagônicas entre os que almejam a conservação e os que desejam a subversão das condições existentes. O campo é uma esfera de lutas, uma arena onde transcorre a competição entre agentes que possuem acúmulos de capitais distintos e que ocupam diferentes posições, o propósito das lutas é a apropriação do capital específico do campo ou a redistribuição desse capital que é desigualmente distribuído entre os agentes que estão imersos em um estado constante de relações entre as forças em constante disputa no campo (Lahire, 2017). Como lócus de batalha, agentes objetivam progredir nas posições existentes no campo a partir da acumulação de capitais (Steinmetz, 2011). Bourdieu emprega a metáfora do jogo para demonstrar a dinâmica da luta no

interior dos campos, as regras do jogo é que estabelecem os mecanismos legítimos de conservação e aquisição do capital específico em cada campo (Jourdain; Naulin, 2017, p.147), antes de entrar no jogo é necessário inscrever-se no campo, “é a adesão coletiva ao jogo que é ao mesmo tempo a causa e o efeito do existir desse jogo”. (Bourdieu, 1992, p.279). No interior do campo há “os agentes, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou transformação da estrutura” (Bourdieu, 2008. P.50). Bourdieu (2008) reconhece que o campo é marcado por diferentes hierarquias de interesses, sustentado em situações de desigualdade de poder que são articuladas por meio de processos históricos.

Os campos são dinâmicos, embora cada um deles “seja relativamente autônomo, dotado de uma história própria” (Bourdieu, 2008, p. 57), eles não se encontram isolados, herméticos, vedados da influência de outros campos, se cada campo fosse um sistema totalmente autônomo ficariam “impedidos de dar conta das mudanças que ocorrem nesse universo separado” (Bourdieu, 2008, p.57), além do mais, o dinamismo existente entre as diversas esferas da vida social corrobora com a lógica relacional presente em toda a teoria de Bourdieu.

Por fim, conclui-se que o método proposto por Bourdieu considera que uma pesquisa sobre o universo social deve-se observar a prática da ação dos agentes (que são dotados de intencionalidades) a partir de suas experiências cotidianas e como essas experiências se relacionam com as estruturas contidas nos campos. Bourdieu compreende que uma pesquisa na área de humanas deve ser empreendida “como um ‘serviço público’ cuja missão é ‘desnaturalizar’ e ‘desfatalizar’ o mundo social e ‘requerer condutas’ por meio da descoberta das causas objetivas e das razões subjetivas que fazem as pessoas fazerem o que fazem.” (Wacquant, 2002. p.100). Na dimensão bourdieusiana a produção de uma investigação sobre a sociedade deve adotar uma posição sistemática e observar o objeto como um conjunto de relações correntes, cabe ao pesquisador perceber as particularidades a fim de encontrar características invariáveis e a partir daí compreender como o objeto possui generalidades, “trata-se de interrogar sistematicamente o caso particular, constituído em ‘caso particular do possível’, como diria Bachelard, para retirar dele as propriedades gerais ou invariantes que só se denunciam mediante uma interrogação assim conduzida.” (Bourdieu, 2002, p.32).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Péricles. Agência E Estrutura: O conhecimento praxiológico em Pierre Bourdieu. Estudos de Sociologia, Rev do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 12. n. 2, p. 97-118, 2006.

BACHELARD, Gaston. A filosofia do “não”. São Paulo: Abril, 1984.

BURAWOY, Michael. O marxismo encontra Bourdieu, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. An invitation to reflexive Sociology. Chicago: The University of Chicago: Polity Press. 1992

BOURDIEU, Pierre. Leçon sur la leçon. Paris: Minuit, 1982

BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus. 9ª edição, 2008

BOURDIEU, Pierre. O campo político. Dossiê "Dominação e Contra Poder. Rev. Bras. Ciênc. Polít. no.5 Brasília Jan./July 2011.

BOURDIEU, P. A dominação masculinidade. Tradução Maria Helena Kühner, 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DOMINGUES, José Maurício. Estruturismo e estruturação: Bourdieu e Giddens. In: . Teorias sociológicas no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 55-69, 2001.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. Psicol. estud. vol.10 no.2 Maringá May/Aug. 2005

LAHIRE, Bernard. Campo in: Vocabulário Bourdieu / Afrânio Mendes Catani [et al.] – 1.ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LE BRETON, D. A Sociologia do Corpo. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEANDER, A. Thinking Tools: Analysing Symbolic Power and Violence. In: A. Klotz, & D. Prakash, *Qualitative Methods in International Relations: A Pluralist Guide* (pp. 11- 28). Palgrave Macmillan, 2008.

LOPES, Marta Júlia Marques; MEYER, Dagmar Estermann.; WALDOW, Vera Regina. *Novas reflexões sobre a dominação masculina Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Rev. Bras. Educ.* no.20 Rio de Janeiro May/Aug. 2002

PETERS, Gabriel. Pierre Bourdieu (1930-2002) in: *Os Sociólogos: clássicos das Ciências Sociais/Sarah Silva Telles, Solange Luçan de Oliveira (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018.*

POWELL, C. and Dépelteau, F. *Conceptualizing Relational Sociology: Ontological and Theoretical Issues*. New York: Palgrave, 2013.

ROSA, Vitor. *Estud. sociol. Araraquara* v.24 n.47 p.341-350 jul.-dez. 2019.

SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de Pensar a Sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu. *Revista Ars Historica*, ISSN 2178-244X, nº 7, Jan./Jun., 2014, p. 139-151.

A perspectiva relacional em Pierre Bourdieu
Luiz Eduardo de Souza Pinto, Jorge Alexandre Barbosa